

DISCURSO DE POSSE DA DRA. MARÍLIA DA GLÓRIA MARTINS
NA ACADEMIA MARANHENSE DE MEDICINA
DIA 02 DE FEVEREIRO DE 2012

Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Maranhense de Medicina
Dr. José Márcio Soares Leite, na pessoa de quem saúdo todos os meus
confrades e confreiras;

Saúde de maneira especial a minha família- meus irmãos e minhas irmãs,
meus cunhados e cunhadas, sobrinhos e primos,

Saúdo meus colegas de turma, aqui presentes;

Saudação especial aos diretores do Hospital Universitário

Saúdo de maneira carinhosa os meus colegas de trabalho aqui presentes.

Saúdo os meus filhos do coração,

Senhores Convidados,

É momento que a nenhum outro se identifica, é único.

Os desígnios destinados pelo ímpeto e impiedosos destinos da vida acadêmica, de inopinada forma me vi implicada vislumbrando os rumos que se remetem aos sábios e destemidos homens e mulheres da ciência do meu Estado.

Deveras, surpreendi-me com tal discernimento instantâneo. Submeter o meu nome como pretendedora a ocupar uma cadeira na Academia Maranhense de Medicina? Afigurava-me como intrometida numa esfera dignificada a poucos merecedores.

Quis o destino me reservar grata surpresa, premiando-me com grande generosidade, litigar a cadeira de nº 23 da Academia Maranhense de Medicina, que passo a ocupar a partir deste instante.

É parte da tradição desta casa que o novel Acadêmico lembre e homenageie os seus predecessores na cadeira que virá a ocupar. No meu caso, sou recipiendária da cadeira número 23.

Trazer à lembrança estas talentosas personalidades nos remete ao verdadeiro sentido da imortalidade acadêmica.

Não posso deixar de enobrecer o seu patrono, o Dr. José da Silva Maia, “ainda, o mais notável médico maranhense”, e, o seu fundador e 1º ocupante “ Dr. Benedito Duailibe Murad.

Dr. José da Silva Maia nasceu numa meia - morada, à calçada da Praia dos Barqueiros, em Alcântara, a 26 de fevereiro de 1811.

Faço uma pequena digressão para salientar que 2011 foi o bicentenário do Dr. José da Silva Maia.

Seu pai, José da Silva Maia, “inteligente e abastado lavrador” era casado com D.Mariana Fraga da Silva Maia, senhora de excelentes qualidades e bastante prendada para aqueles tempos.

O pai, ao falecer, prematuramente, em 1820, teve o cuidado de deixar-lhe um patrimônio para a sua educação. Em virtude dessa “verba testamentária”, segundo César Marques, seu contemporâneo e notável historiador, foi enviado à França, com a tenra idade de 10 anos.

Chegando ao Havre de Grace, encaminharam-no para uma pequena pensão da vila de Montivillier, a três léguas do Havre, onde acabou de estudar as primeiras letras e aprendeu a língua francesa. Um ano depois entrou para o Colégio Real de Caen, onde fez os estudos secundários até fins de 1826, ano em que teve de regressar à sua pátria por ordem do mesmo testamenteiro, que tinha que mudar a sua residência para Portugal.

Aqui, o testamenteiro empregou-o em sua casa comercial. Foi duríssima a mudança. Quase não falava a língua materna. Esquizotímico e introvertido, vivia mergulhado em profundas desilusões, por haver deixado a França e em particular os estudos. Pouco ligava aos fregueses. Cada vez mais triste, chega á margem da depressão, com fortes tonalidades melancólicas.

Felizmente, aconselhado por magistrado amigo, cujo nome não consegui descobrir, o testamenteiro resolveu mandá-lo de volta à França, e, em 1829, embarcou no *Ásia*, no qual fez demorada viagem, e após três meses, chegou à França.

Chegando a Paris tratou imediatamente de tomar os graus de bacharel em Letras e em Ciências Naturais para poder matricular-se na Faculdade de Medicina. E de fato o fez.

Em 1830, matriculou-se na famosa Faculdade de Medicina de Paris. “Foi-lhe fácil conquistar, em pouco tempo, lugar proeminente entre os inúmeros colegas, bem como a consideração e apreço de seus sábios professores.

Divergie, apesar de jovem e estrangeiro, convidou-o para preparador de química.

Entre os escritos que deixou nos tempos de acadêmico, encontram-se ainda hoje, muitas notas de diagnóstico de moléstia e receitas a elas apropriadas, e tornou-se interno de vários hospitais de Paris, o que denota a sua aplicação e amor à ciência que estudava.

“Mas, se por um lado tal aplicação granjeava-lhe a estima e o respeito de todos os conhecidos, diz um dos seus biógrafos, por outro lado tornava-se prejudicial e quase funesta, pois enfraquecia de saúde, causando-lhes em consequência uma terrível afecção pulmonar, e desenganado pelos melhores médicos do hospital, teve que retirar-se”.

Restabelecido enfim da terrível doença, continuou com o mesmo afinco e denodo os seus estudos, cada vez mais deslumbrando a todos pelo brilho de seu riquíssimo talento.

Esta façanha foi realizada em época florescente da cultura médica francesa, quando ditava a Medicina para o resto do mundo.

Defendeu tese de doutorado em 27 de abril de 1838, sobre:

Questões sobre diversas áreas das ciências médicas:

- I. Forças paralelas. Centro das forças paralelas; exemplos anatômicos.
- II. Lacerações da vagina, do colo e do corpo do útero que podem ocorrer durante o parto e a expulsão.
- III. Existe identidade ou analogia de estrutura entre as unhas, os cabelos, os pelos ou os dentes?

Recebeu o certificado de aptidão ao grau de Doutor em Medicina, concedido em 1838 pelo Decano e pelos Professores da Faculdade de Medicina e Academia de Paris ao Senhor Joseph da Silva Maya, natural de Alcântara, Brasil, nascido em 26 de [fevereiro](#) de 1811.

Na aprovação dada a este certificado pelo Decano que exerce a função de Vice-Reitor da citada Academia junto a esta Faculdade. Já em São Luis, “ratificando o dito acima, certificado pelos presentes ao dito Senhor Maya o diploma de Doutor em Medicina para que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas, assinado pelo secretário Vicente Jansen Ferreira” está registrado na Seção de Higiene da Província do Maranhão, no Livro nº 01, página 31, 10 de março de 1887,

O seu diploma está datado de 18 de maio de 1838, assinado por Orfila como Deão da Faculdade (decano); Salvandry, ministro e secretário de estado da Instrução Pública e Grão Mestre da Universidade; Coucin, conselheiro e secretário do Conselho de Instrução Pública; Rendu , Chanceler.

Mal se forma retorna à sua terra natal, aqui chegando em 3 de outubro de 1838, aos 27 anos de idade.

Inicia a sua clínica, em Alcântara, tendo montado o primeiro consultório, na mesma meia - morada, onde nascera. Para a calçada da Praia dos Barqueiros, logo afluiu grande clientela. O seu rápido e crescente prestígio, como clínico, fê-lo mudar-se para São Luis, onde a clientela aumentou

muitíssimo, necessitando da aquisição de transporte próprio, que não era habitual na época.

Para formar-se não teve auxílio de um nome de família poderosa. Ao edifício de sua vida, construiu tudo por si mesmo.

Desde o início, revelou-se muito caridoso, sendo espetáculo, comovedor e digno ao mesmo tempo, ver-se todos os dias o seu consultório apinhado de pobres, que, confiados na sua eficiência e na sua caridade, a ele recorriam, qual como um ídolo, e serem atendidos com dedicação carinhosa”.

Dr. José da Silva Maia foi um dos gênios nascido nesta terra fecunda de homens notáveis. Se tivesse voltado para a França, como a princípio quis decepcionado com as limitações do ambiente provinciano teria certamente se alçado á altura dos grandes médicos europeus do seu tempo.

Aqui ficando, contudo, seduzido pela irresistível vocação política, soube ser inexequível, até os nossos dias, no conjunto biotipológico de sua gigantesca personalidade.

Poucos tiveram tanta inteligência, raros conseguiram acumular tanta cultura geral e especializada, diminutos tiveram como ele caráter inquebrantável, sempre voltado para o bem-estar do Maranhão, raríssimos possuíam tal bondade de coração, que aliada a grande eficiência profissional, fazia de cada concidadão um usufrutuário de sua caridade.

Certa feita, defendendo-se de injurias e capciosas acusações de seus adversários políticos: deixou essas preciosas notas autobiográficas, a respeito do médico que foi dedicado aos clientes e aos assuntos sanitários da comunidade, na época em que os problemas higiênicos eram tratados displicentemente.

‘Como médico nunca deixei de prestar os serviços de minha profissão aos administradores da Província que os reclamavam (Marques César, Dicionário – Ma, 1870).

Quando a febre amarela devastava todas as Províncias do Império e ameaçava invadir a nossa, fui a primeira sentinela avançada, colocada na vanguarda para impedir a entrada do mal e livrar os meus concidadãos dos efeitos do terrível flagelo, caso ele penetrasse, iludindo a minha vigilância.

Trabalhava dias e noites para estabelecer lazaretos seguros, quarentenas rigorosas, mas não só para os navios, como para os indivíduos e mercadorias que vinham dos portos infestados. A qualquer hora do dia ou da noite, lá estava eu rondando com os meus empregados e fiscalizando tudo. Organizei os regulamentos precisos; escrevi artigos mostrando, com toda evidência que o mal que então grassava na Bahia, e cuja natureza ainda estava em dúvida, era a verdadeira febre amarela, organizei instruções para prevenir a invasão da peste e para que cada um pudesse tratar a si quando acometido.

Formulei posturas sanitárias; assisti em pessoa, a limpeza dos quintais, das praias, dos canos e valas da cidade; removi para a quinta do matadouro os couros secos e salgados que armazenavam nas lojas e eram estendidos na rua, infectando tudo.

Graças aos meus esforços, e às providências adotadas a febre amarela não penetrou no Maranhão e só veio acometer-nos um ano depois de haver acabado com as quarentenas, por ordem do Governador Imperial, que declarara extinta a febre amarela em todo o Império. Assim mesmo a febre que nos visitou foi benigna porque já encontrou em boas condições higiênicas a nossa cidade.

Dr. José da Silva Maia, cedo revelou irresistível tendência para a política.

“Na França, por ocasião da Revolução de 1830, que destronou Carlos V e aclamou Luis Felipe I, Silva Maia tomou parte tão ativa nas barricadas do bairro latino, que mereceu do novo rei, honrosa condecoração: ‘LIBERDADE E PÁTRIA’”.

Esta honrosa recompensa, ganho com bravura e risco de vida, foi muitas vezes negado, aqui, pelos seus adversários políticos, porém existe ainda hoje, em nossa Biblioteca Pública.

”Raramente”, diz Jerônimo de Viveiros, duas profissões conjugaram-se tão bem na personalidade de um homem, como a Medicina e a Política, na figura de Silva Maia. A fama do médico ajudava o prestígio político; o fanatismo do correligionário colaborava com o cliente na criação das lendas em torno do clínico. Foi dessas figuras que saiu esse tipo invulgar de médico que fazia milagres, e de chefe político, que de véspera, sabia por quanto ganhava ou perdia o pleito (Jerônimo de Viveiros, em Quadros da Vida Maranhense, Imparcial,1955).

Além de médico muito famoso, foi político influente. Militou no Partido Conservador, cuja cisão fez surgir o grupo maísta, sob a denominação de Partido Estrela. Dentre os diversos cargos públicos que exercera, citam-se os de presidente da Câmara Municipal de São Luis, deputado provincial, deputado geral e vice presidente da Província, condição em que governou o estado do Maranhão nestes períodos: de 04 de abril a 16 de junho de 1869; de 29 de março a 28 de outubro de 1870 e de 19 de maio a 29 de agosto de 1871.

O seu governo, posto que rápido deixou pegadas indeléveis, porque progressista, honesto e corajoso.

Foi provedor da Santa Casa da Misericórdia onde prestou serviços inovadores.

Para o povo era o Doutor Maia.

Era o Doutor, o médico, sobretudo, antes de tudo.

Era o homem que conhecia e curava todos os males.

A figura extraordinária do médico se completa com as lendas e fatos que a tradição guardou, através da boca do povo que o adorava.

A maioria das lendas em torno do Dr. José da Silva Maia focaliza de preferência o seu famoso olho clínico, a habilidade com que fazia o

diagnóstico, na verdade, o grande segredo da Medicina. Também ressalta eficiência de seus tratamentos milagrosos. Revela ainda que a política jamais o ofuscou, como de costume, a vigorosa e brilhante personalidade do médico.

José da Silva Maia, foi também um administrador eficiente, metódico, enérgico, preferindo na maioria das vezes, fiscalizar pessoalmente os serviços.

Silva Maia residia na Rua da Paz nº 13, na mesma casa onde Humberto de Campos passou os melhores momentos de sua adolescência.

Silva Maia não era casado. Desconhece-se o nome de sua mulher. Teve com ela quatro filhos: Thomaz, Clara, Maria da Glória e Ana Amélia.

Dr. José da Silva Maia faleceu em São Luis, às 16 horas do dia 24 de abril de 1893, aos 82 anos, paupérrimo, deixando à sua família apenas o nome honrado, glorioso, e 55 anos dedicados à clínica em grande parte empregada desinteressadamente.

A Academia Maranhense de Medicina, com louvor, presta homenagem honrosa ao Dr. José da Silva Maia, designando - o patrono da cadeira 23, que tenho a felicidade de merecê-la, ocupá-la, trazendo-me um sorvedouro,

porém gratificante responsabilidade para mantê-la inabalável em sua dignidade.

O primeiro Acadêmico a ocupar esta cadeira, foi o seu fundador, o Dr. Benedito Duailibe Murad.

Nasceu em São Luis, precisamente na Rua de Nazaré, no centro da cidade, no dia 29 de dezembro de 1924. Filho do Sr. Abdon José Murad e da Sra. Nagibe Duailibe Murad, ambos de naturalidade libanesa.

Viveu com seus pais muitos anos em Codó interior do estado, onde passou parte da sua bela infância, cursou o antigo primário. Retornando a São Luis, estudou no colégio do professor Cisne, muito conceituado naquela época.

Mais tarde, para aprimorar os seus conhecimentos mudou-se para o Rio de Janeiro onde cursou o antigo científico e em seguida estudar Medicina na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, famosa faculdade de Medicina da Praia Vermelha no Rio de Janeiro, onde graduou-se.

Casou-se com a Sra. Thelda Gaertner, em 1952, e retornou para São Luis em 1953. Essa união sólida e feliz foi coroada pelo nascimento de quatro filhos: Silvana, Abdon, Lena e Paulo. União que durou 53 anos.

Médico jovem, conceituado e habilidoso, foi admitido no INPS como interino através da Portaria de nº 23. 109/52, e iniciou os seus trabalhos em 21 de março de 1953.

Mais tarde prestou concurso público para médico do Instituto Nacional de Previdência Social, fora aprovado e nomeado, em 1º de agosto de 1954, como médico, classe K no quadro permanente, iniciando as suas atividades em 18 de agosto de 1954. Lotado na clínica cirúrgica do Hospital Presidente Dutra, onde realizada as cirurgias mais complexas.

Exerceu muitos cargos na esfera superior do INPS, como superintendente e chefe da Linha Especializada de Assistência Médica, no período de 16 de maio de 1967 e desligando-se desse cargo comissionado no dia 4 de agosto de 1969.

Benedito Duailibe Murad começou a desempenhar as suas funções didáticas na Faculdade de Ciências Médicas desde 01 de março de 1963.

Foi incorporado no quadro único de Professor desta Universidade na qualidade de professor assistente na cadeira de Clínica Cirúrgica, onde começou a demonstrar e dar um novo conceito de técnica cirúrgica, tratando com esmero e muita elegância. Dominava como poucos a arte de operar, cirurgião geral sem limites para a sua atuação.

Foi enquadrado como Professor Adjunto da citada disciplina, conforme portaria de nº 269/1969, a partir do dia 16 de dezembro de 1969, portaria assinada no dia 18 de novembro pelo então reitor, Cônego José Ribamar Carvalho.

Exímio cirurgião, experiente, pioneiro, realizou a primeira Gastrectomia no Maranhão, a primeira tiroidectomia e a primeira prostatectomia em Codó-Ma.

Como docente despertava no alunado o fascínio pela cirurgia geral. Contribuiu com a formação de várias gerações de cirurgiões deste estado.

Sua matrícula na UFMA 0144

Aposentou-se como Professor Adjunto , no dia 22 de novembro de 1983, e como médico do Extinto INPS no dia 21 de julho de 1988, na classe especial, onde trabalhou durante 37 anos, 3 meses e um dia.

Nunca usufruiu de licença prêmio.

Passou parte da sua vida profissional dedicado à assistência médica na Santa Casa da Misericórdia do Maranhão, substituiu muitas vezes o Dr. José Murad na provedoria, vindo a ocupar definitivamente o cargo máximo desta casa de saúde a partir do adoecimento do Dr. José Murad.

Era conhecido por todos, admirado por muitos.

Freqüentou o centro cirúrgico da Santa Casa onde operava diariamente até os seus 78 anos. Faleceu no dia 14 de janeiro de 2011 aos 87 anos.

É prazeroso discorrer sobre essas personalidades que tiveram participação incontestável na construção do nosso estado, da nossa Universidade, é viajar no tempo, retroceder, buscar conhecimento e somar a nossa cultura, e agradecer pelo grande serviço prestado.

Nada sabe de sua arte aquele que lhe desconhece a história.

Com argúcia de raciocínio, despretensiosa de argumentos ostensivos às encomiásticas apreciações, antecipo os meus sentimentos beneplácitos que me moveram a mostrar a percepção de dignidade própria e que me leva a procurar merecer a consideração dos acadêmicos que me fizeram sentir a magnificência da alma de cada um que se dispuseram a

pontuar o caminho para que eu percorresse de maneira frugal, desprendida de quaisquer estorvos. Senti-me livre, feliz e muitíssimo agradecida.

Aos Acadêmicos que me agraciaram apresentando-me para concorrer à vaga existente nesta casa, por compreender o meu merecimento agradeço com penhor.

Ao acadêmico Natalino Salgado Filho, homem empreendedor, de grandes idéias e realizações. Todos nós o conhecemos pela competência e excelência em administrar, aquele que transforma que realiza aquele que mostra. Professor dedicado e clínico astuto, inteligente, de raciocínio rápido. Não menos imponente é sua atuação frente à Universidade Federal do Maranhão, onde renasce a esperança de jovens estudantes de todas as áreas, que desbrava os mais longínquos rincões levando a realidade àqueles que apenas sonhavam em um dia cursar uma faculdade. De espírito humanitário e belo.

À Acadêmica Maria do Socorro Moreira de Sousa, minha professora de obstetrícia, recordo-me até hoje de suas aulas, entre tantas, exploro a memória e escolho, “descolamento prematuro da placenta normalmente inserida”, nas quais discorria com grande erudição toda a fisiopatologia e complicações que poderia dela advir. É pessoa de inquestionável saber, talentosa, viva na melhor acepção da palavra, professora inesquecível, didática por excelência, muito me despertou o carinho e o amor pela especialidade que escolhi. Agradeço a Deus por tê-la colocado em meu caminho como um raio de luz ético e profissional.

Ao Acadêmico José Manoel Ribeiro Bastos, o grande entusiasta para que eu pleiteasse uma cadeira nesta casa. Não raro ao nos encontrarmos nos corredores do Hospital onde trabalhamos, repetia com efusivas palavras de incentivo. Meu conterrâneo, adotou a nossa cidade, Bequimão, com arrojo e sem preconceito. Tenho certeza, ama toda àquela gente e demonstra satisfação incontestável.

De sentimento amável circunstanciada pela alegria contagiante, ético, prendado de capacidade incomparável no lidar com a sua radiologia, sua marca.

Agradeço ao Professor Jomar Moraes, o qual me disponibilizou com muita benevolência, a biografia que tanto almejava, atitude esta, dispensada realmente aos detentores da maestria de bem servir.

Ao Acadêmico Natalino Salgado Filho, que me brindou com esta generosa saudação de ingresso a esta casa.

Ao longo da minha trajetória pessoal e profissional, sempre procurei o conhecimento e o saber; em nenhum momento da minha vida, fiz quaisquer movimentos arditos para poder crescer na minha profissão.

Imaginava-a uma belíssima estrada para caminhar, sonhava-a iluminada. Entretanto o plano para a minha caminhada fértil e cheia de esperança fundada em supostos direitos, não fora tão fácil, percorri verdadeiras trilhas, caminhos muito estreitos e permeados por grandes obstáculos, muitas portas se fechavam cada vez que perto destas chegava, mesmo

tendo a sorte de ter sido guiada nessa busca por sábios e generosos Mestres. Não posso ouvida-los e nem tão pouco deixar de clamar pelos seus nomes num momento destes, conscientemente, tenho o dever de conclamar, não o fazendo, estaria imolando a minha alma; trata-se dos Mestres Jorge Fontes de Resende (falecido em 2006) aos 96 anos de idade, Paulo Belfort de Aguiar, aos 86 anos, ainda na labuta da clínica. Fui afortunada de ter o enriquecedor contato com cada um dos membros titulares desta Academia, que muito me ensinaram, embora tenha passado incólume, porém, despercebida, sem, contudo despertá-los pelo interesse para o seu aprendizado.

No decorrer da minha graduação, iniciei, já no 2º ano, no período noturno, em regime de plantão, como acadêmica voluntária, e contrariando as regras da Maternidade, fazia dos domingos e feriados, a realização do meu grande sonho, na recém inaugurada “*Maternidade Marly Sarney*”, os exercícios primeiros da arte de partejar, sempre na companhia do colega e amigo, Dr. *Antonio Augusto Pereira Martins*, grande entusiasta e ávido pelos conhecimentos da especialidade, ambos com as mesmas aspirações, buscavamos orientações dos profissionais de plantão, os quais jamais mediram esforços para nos ambientar (ou adequar) rumo aos disígnios da especialidade, sem falhas à época, trago à memória, benevolência à parte, *Dr. Leonardo Cantanhêde, Dr. Marluio de Jesus Mendonça e Dr. José Araújo Luz.*

Para finalizar estas palavras, evoco o nome de Lídia Cantanhêde Martins, minha mãe, que, com o fervor da sua Fé em Deus e Nosso Senhor Jesus

Cristo, inculcou em meu aprendizado, o sentido de bem viver, o cuidado com o respeito, as observações da lógica, ficará muitíssimo agradecida ao ouvir o eco dos seus ensinamentos unidas da palavra de Deus, em, carta de Paulo aos Filipenses, disse e eu com permissão repito, “Tudo posso n’Aquele que me fortalece”.

Obrigada!